

A estilística do olhar de outrem - Incursões no dialogismo bakhtiniano

Viviane A. Aragão*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Este ensaio versa sobre a estilística no texto literário e aborda, através da concepção dialógica bakhtiniana, a pluralidade do universo discursivo no conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato. Fugindo a um enquadramento rígido da teoria empregada por Bakhtin, utiliza-se sua concepção de dialogismo para apresentar como o discurso instaurado no gênero literário constitui-se, em essência, da tessitura de vários discursos e fazem ecoar múltiplas vozes numa situação ininterrupta de enunciação, levando-nos a reconhecer, não apenas estilisticamente, a dificuldade de desenvolver-se uma autoria discursiva.

“Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar este outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e a minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila de nossos olhos” (Bakhtin, 1997:43).

Debruçar-se sobre o texto literário é poder ver ao mesmo tempo, como assinála Bakhtin, este homem situado fora de mim e a mim mesmo. É poder enxergar, pela *(re)-apresentação* que a linguagem possibilita, o outro encerrado no nosso espaço especular: é a possibilidade de iluminar as partes inacessíveis do corpo alheio e, no reflexo desta luminosidade, contemplar as partes inacessíveis do nosso próprio corpo.

O homem que pára diante de outro, e reconhece um mundo estranho aprisionado no olhar alheio, é o mesmo homem que instaura diante de si todo um universo de discurso possível, que se abre a partir do contato com o mundo que lhe é inacessível, mas que se revela à imagem que se projeta na retina de outrem. A partir do momento em que se fala, não do mundo imediatamente percebido, mas do mundo que é percebido na pupila alheia, apodera-se também da fala alheia e o olhar que fundamenta esta fala, ao ser apreendido pelo outro, fundamentará também a sua própria fala. Assim, a voz instauradora do discurso no mundo é o produto da intersecção desses dois olhares.

O universo da enunciação literária é o lugar onde os olhares se intersectam e todas as vozes ecoam numa situação ininterrupta de enunciação. O discurso instaura-

* Trabalho conclusivo da disciplina de Língua Portuguesa 8, do curso de Letras da UFPE, ministrada pela professora Dóris A. Cunha, no período de 2000.2.

do neste gênero constitui-se, em essência, da tessitura de vários discursos. Este traspassamento do discurso instaurado pelo discurso alheio, ou discurso de outrem, é um dos aspectos preponderantes da teoria bakhtiniana.

Bakhtin considera que este tipo de discurso, denominado por ele de *discurso citado* “é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre uma enunciação. (...) O discurso citado é visto pelo falante como enunciação de uma *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, (...). É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo” (Bakhtin,1992:144).

No âmbito da teoria dialógica da linguagem, a essência do discurso é enriquecida a partir do momento em que o conteúdo discursivo não é mais considerado isoladamente, mas integra um todo orgânico, vivo, do qual os enunciados que o compõem são apenas uma parte. Ninguém, absolutamente, está isento da força orientadora do discurso alheio para o objeto. Apenas um indivíduo dotado de uma linguagem original estaria livre da influência dialógica. Pode-se notar ainda que o fenômeno não se esgota nisso. Há uma bipolaridade dentro da qual o discurso está inserido; ele é pronunciado, não apenas sob influência daquele campo discursivo que é de domínio comum, mas está também à espera de um outro discurso que traz consigo a sua resposta. Esse discurso-resposta futuro é o outro pólo do fenômeno dialógico, tão determinante quanto o primeiro; pois a enunciação surge também como atendendo ao chamado desse discurso-resposta, como se fosse por ele convocado a existir.

É importante percebermos como os componentes textuais são capturados pela malha teórica bakhtiniana e como o autor articula os conceitos desenvolvidos com a forma de atuação destes mesmos conceitos e suas respectivas funções textuais. Ao voltar-se para a linguagem literária, Bakhtin foge de concepções reducionistas que apontam para formas como discurso direto, indireto ou indireto livre e preocupa-se principalmente com a “dinâmica estabelecida entre o contexto narrativo e o discurso citado (...) - expressa pela inconstância – (...) das fronteiras que separam a palavra citada da palavra que cita” (Marinho,1997:249), sistematizando, assim, uma relação de aproximação ou distanciamento entre o narrador e esta voz alheia. Outro aspecto a destacar diz respeito à forma como este discurso é apropriado; ou seja, como, por exemplo no discurso bivocal, irá aparecer a voz do outrem.

É neste sentido que na concepção bakhtiniana “o romance, tomado como um conjunto, caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal. (...) o estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de “línguas”. (...) é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, (...) E é graças ao plurilinguismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo” (Bakhtin,1993:73-74). Desta forma, a especificidade da forma literária, pautada na perspectiva dialógica, concebe que a dialogicidade interna do discurso, tal qual fala Bakhtin, não comporta elementos externos de “composição”, não pode pretender ascender a uma dada realidade e empregar elementos alheios a

esta situação, pois não pode existir de forma dissociada de seu objeto. É exatamente por adentrar na forma composicional do texto, nas essencialidades semânticas e expressivas, que a inter-relação desencadeada por esta dialogicidade interna do discurso fundamenta e condiciona toda carga estilística do texto literário.

Assim, enxergar o romance estilisticamente dialogicizado é perceber de que modo a identidade social das personagens se reflete em suas falas, bem como sua relação com outros discursos e as formas de discursos que veiculam as vozes das personagens. É importante ressaltar que nesta teoria a voz de outrem não é apreendida tal qual é emitida, mas esta voz, no momento da apreciação, é reformulada pelo discurso interior daquele que a utiliza, recebe um acento apreciativo, é voz social internalizada e individualizada.

“É nos lábios e no tom amoroso deles (da mãe e dos próximos) que a criança ouve e começa a reconhecer seu nome, ouve denominar seu corpo, suas emoções e seus estados internos; as primeiras palavras, as mais autorizadas, que falam dela, as primeiras a determinarem a sua pessoa, e que vão ao encontro da sua própria consciência interna, ainda confusa, dando-lhe forma e nome, aquelas que lhe servem para tomar consciência de si pela primeira vez e sentir-se enquanto coisa-aquí, são as palavras de um ser que a ama” (Bakhtin, 1997:67).

No conto de Monteiro Lobato a criança não tem nome, chamam-na de Negrinha. Não há nos lábios alheios o tom amoroso, o que domina seu corpo são os castigos e por vezes o sofrimento da fome. Suas emoções emudecem no choro, as primeiras palavras predicam sua danação ao mesmo tempo em que exterminam sua consciência, na qual a confusão não se faz apenas temporária, mas dá-lhe a forma, o nome e sensação não de sentir-se *enquanto* mas de ser coisa.

Em *Negrinha*, o plurilinguismo está presente por todo o texto. Trata-se de um conto que paira sobre o dialogismo. É já em seu título que podemos identificar as nuances do discurso alheio: não é um nome, é uma classificação. O texto diz: “Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha, escura, de cabelos ruços e olhos assustados” (Lobato, p. 78). Percebemos que o autor-narrador chama uma voz social, sem identidade aparente, uma voz que ecoa pela sociedade, que já se estratificou socialmente, para tecer a denominação da personagem e como consequência descompor sua possível identificação: sua identidade é a não-identidade. Assim, a própria palavra em si, Negrinha, estigmatiza a personagem, traz em seu cerne a marcação social do preconceito, é uma personagem que ao mesmo tempo não é ninguém: a voz do todo social é chamada para anular um ente individual. Desvelando a voz do autor poderíamos escutar: é uma negrinha, uma “fusca”, uma “mulatinha”, uma dessas de “cabelos ruços” e “olhos assustados”: um ninguém.

Em contraposição com a classificação de Negrinha, o autor constrói as características da personagem em oposição. Para anunciar dona Inácia são predicadas as mais distintas denominações: “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu (...) – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo” (Lobato, p.78). Enquanto sobre Negrinha recai uma voz descaracterizada socialmente, pois todos podem pregar Negrinha, sobre dona Inácia

recai vozes socialmente definidas. Não é qualquer pessoa que pode pregar sobre ela a característica de ser “patroa, rica, dona do mundo, a mimada dos padres...”; da mesma forma como ela própria não é qualquer pessoa.

Ao delimitar as vozes que pregam sobre as personagens, demarcando socialmente a classe de onde elas ecoam, o autor-narrador estabelece pelo dialogismo interno do discurso a construção estilística das personagens: a que voz social recorre o autor para pregar sobre Negrinha e a que voz ele apela para tecer a identidade de dona Inácia? É o padre, “senhor de Deus”, que atesta as virtudes apostólicas, religiosas e morais da grande dama. A identidade de dona Inácia não só é construída pelo que dela se prega no texto, mas também por se contrapor a identidade de Negrinha e contribuir para o seu processo de caricaturização, pois, no caso da “fusca”, a descaracterização é a sua característica primordial.

Para Bakhtin “a estilização, habitualmente paródica, da linguagem (...) é quebrada, às vezes, pelo discurso direto do autor (geralmente patético ou idílico-sentimental), que personifica diretamente (sem refração) as intenções semânticas e axiológicas do autor. Mas o que serve como base da linguagem do romance “humorístico” é o modo absolutamente específico do emprego da linguagem comum. (...) essa linguagem é tomada pelo autor como a opinião corrente, a atitude verbal para com seres e coisas, normal para um certo meio social, o ponto de vista e o juízo correntes” (Bakhtin, 1993:78). Não é de outra forma que se estrutura o texto lobatiano, voltando para a passagem marcada anteriormente, observa-se que só após esta passagem, a fala do reverendo, o autor-narrador irá inserir um comentário direto: “Ótima, a dona Inácia” (Lobato, p.78). Este comentário, assim como outros inseridos ao longo do texto, desempenha um papel regulador dentro da estrutura axiológica do conto, pois com o desenrolar da história percebemos o quão irônico é este comentário, e o quanto ele diz sobre as intenções do autor e sobre a própria composição ética e moral da personagem em questão. Trata-se de um comentário tão pontual, marcando até mesmo o ritmo de apresentação da personagem, que só depois dele é mostrada para o leitor a verdadeira face de dona Inácia. Assim, no meio da opinião corrente, do senso comum de um meio social bastante distinto, o autor insere seu discurso, sua voz, como que para conceder estilisticamente um tom ao seu texto, ao mesmo tempo em que este estilo dialogiza sobre suas intenções semânticas e axiológicas.

“Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar!” (Lobato, p.81). Nesta passagem, Negrinha apropria-se da fala alheia e nitidamente percebemos o anseio por tornar-se, um dia, também autora-legítima desse discurso apropriado. “Brinquem!” - Esta é a fala de Dona Inácia e Negrinha, ao repeti-la, toma consciência de uma permissão da qual ela está excluída, sabe que a voz não se dirige a ela. Para Negrinha, a ação permitida - “Brincar!” - jamais poderá ser conjugada em primeira pessoa, numa voz autônoma. Notemos que dentro do discurso de Negrinha, a primeira fala é tomada de um indivíduo apenas, de Dona Inácia, mas com consciência de que esta fala não lhe é dirigida; a segunda fala é o reconhecimento de um grupo do qual ela não faz parte: o grupo dos que podem brincar, das meninas ricas, louras e de olhos azuis: das meninas anjos. Das meninas demarcadas socialmente como anjos. Ora, “anjos” não estratifica o universo discursivo de Negrinha.

A última fala expressa no conto é de autoria de Negrinha: salienta seu desejo em vir a integrar este grupo que ela própria reconhece como lhe sendo fechado: “como seria bom brincar!” (Lobato, p.84), expressando seu desejo de ser permitida, ser ouvida, deter o mínimo de autoria discursiva. Neste conto, preponderantemente, as falas confluem para formação de um universo discursivo que se pauta nos limites da exclusão, da marginalização. Mesmo quando é concedida a Negrinha a permissão de adentrar neste discurso de outrem, de brincar com as meninas ricas, ela reconhece a distância de seu posicionamento discursivo, da nulidade social daquilo que fala ou sente. Assim, se por algum instante vê-se permitida em um universo que sempre lhe fora negado, Negrinha reconhece a estranheza do discurso alheio: as meninas ricas só deixam ela brincar com a boneca de porcelana para poder ridicularizá-la – “como é boba esta Negrinha” (op.cit.). O discurso dominante proclama seu poder, impera sobre as falas sem identidade definida e instaura a ordem discursiva vigente.

Não há saída para Negrinha. A identidade de Negrinha, longe de afirmá-la, é uma identidade negativa. Ao confrontar-se com o outro, os “anjos do céu” chegados, percebeu que não era uma criança simplesmente, a quem tudo era vetado, como a qualquer outra criança, mas era Negrinha, a criança negra, “fusca”, que não era “anjo”, nem “loura”, que não podia brincar: sentira o peso do nome. Não que sua identidade a negasse, antes, era pela negação que esta identidade era possível.

“As palavras amorosas e os cuidados que ela recebe (a criança) vão ao encontro da sua percepção interna e nomeiam, guiam, satisfazem – ligam ao mundo externo como a uma resposta, diríamos, que demonstra o interesse que é concedido a mim e à minha necessidade – e, por isso, diríamos que dão uma forma plástica ao infinito “caos movediço” da necessidade e da insatisfação no qual ainda se dilui todo o exterior para a criança, no qual se dilui e afoga também a futura diáde de sua pessoa confrontada com o mundo exterior.” (Bakhtin, 1997:68)

A privação de Negrinha do discurso amoroso instaura-a definitivamente no “caos movediço”. Reconhecida a impossibilidade de legitimação social de seu discurso, rompe-se a ligação dela com o mundo externo: não há esperança de resposta, a personagem vê seu discurso diluído na insatisfação permanente: não afirma seu discurso e, por sua vez, não consegue reformular o discurso alheio e acentuá-lo com sua individualidade discursiva. Na “diáde de sua pessoa confrontada com o mundo exterior” fratura sua consciência e termina diluindo-se nas vozes de outrem: “O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos redemoinhavam-lhe em torno, (...)” (Lobato, p.83).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Michail (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo, Editora Hucitec.
- . (1993). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, Unesp / Hucitec. p. 72-84.
- . (1997). *Estética da criação verbal*. 2.ed. São Paulo, Martins Fontes.
- CUNHA, Dóris de A. *Uma leitura da abordagem bakhtiniana do discurso reportado*. Artigo

- MAINGUENEAU, Dominique (1996). *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo, Martins Fontes.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: MORICONI, Ítalo (org.) (2000). *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva. pp.78-84.
- BRAIT, B. (org). MARINHO, Maria C. N. (1997). Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos. In: *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Editora da Unicamp. pp.249-259.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. (1989). *Introdução a estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo, T. A. Queiroz Editora LTDA. pp.189-207.